

---

## Isabela Figueiredo: revolucionária ou reacionária?

*Isabela Figueiredo: revolutionary or reactionary?*

Joaquim Mamede de Carvalho e Silva Neto

*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

### DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n54a1372>

### RESUMO

Este artigo propõe uma análise crítica da obra de Isabela Figueiredo, investigando sua recusa às classificações dicotômicas de revolucionária ou reacionária. A partir de seus romances *Caderno de memórias coloniais* (2009), *A gorda* (2016) e *Um cão no meio do caminho* (2022), examina-se como a autora constrói uma literatura marcada pela ambivalência e pela exposição das complexidades da experiência humana. Seus textos transitam entre o testemunho e a autoficção, explorando temas como parentalidade, sexualidade, colonialismo e identidade. A análise destaca a maneira como Figueiredo questiona o “cancelamento” e defende a liberdade criativa do escritor, rejeitando censuras impostas por convenções morais. A sexualidade feminina, elemento central em sua literatura, é abordada de forma visceral, desafiando tabus e expondo a repressão imposta às mulheres, como ressalta Paulina Chiziane em seu prefácio presente em *Caderno de memórias coloniais*. Além disso, o artigo discute o papel do corpo na narrativa da autora, que o representa simultaneamente como espaço de prazer e conflito. Por meio de uma escrita franca e sem concessões, Isabela Figueiredo propõe uma reflexão profunda sobre a condição humana, recusando simplificações e oferecendo uma literatura que desafia catego-

rias fixas. Sua obra, ao invés de fornecer respostas definitivas, convida o leitor a um olhar mais crítico e matizado sobre a existência. Dessa forma, a autora se consolida como uma das vozes mais instigantes da literatura contemporânea de língua portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Isabela Figueiredo; Colonialismo; Parentalidade; Sexualidade.

#### **ABSTRACT**

This article presents a critical analysis of Isabela Figueiredo's work, exploring her rejection of the dichotomous classifications of revolutionary or reactionary. Through her novels *Caderno de memórias coloniais* (2009), *A gorda* (2016) and *Um cão no meio do caminho* (2022), the study examines how the author constructs a literature marked by ambivalence and the complexities of human experience. Her texts navigate between testimony and autofiction, addressing themes such as parenthood, sexuality, colonialism, and identity. The analysis highlights Figueiredo's stance on "cancel culture" and her defense of the writer's creative freedom, rejecting censorship imposed by moral conventions. Female sexuality, a central element in her literature, is explored in a visceral manner, challenging taboos and exposing the repression imposed on women, as emphasized by Paulina Chiziane in her preface to *Caderno de memórias coloniais*. Additionally, the article discusses the role of the body in Figueiredo's narratives, where it is depicted as both a site of pleasure and conflict. Through an unfiltered and uncompromising writing style, Isabela Figueiredo offers a profound reflection on the human condition, refusing simplifications and presenting a literature that defies fixed categories. Rather than providing definitive answers, her work invites readers to adopt a more critical and nuanced perspective on existence. In this way, she establishes herself as one of the most compelling voices in contemporary Portuguese-language literature.

**KEYWORDS:** Isabela Figueiredo; Colonialism; Parenthood; Sexuality.

O amor me fere é debaixo do braço,  
de um vão entre as costelas.  
Atinge meu coração é por esta via inclinada.  
Eu ponho o amor no pilão com cinza  
e grão de roxo e soco. Macero ele,  
faço dele cataplasma  
e ponho sobre a ferida.  
(Prado, 1991, p.55)

“Amei o corpo de carne repetida do meu pai, que confundo com o da terra. Abraço o meu corpo quando não a encontro, nem a ele nela. (...) Mas se os corpos se confundem, o que amei, afinal? Amei o colonialismo?” (Figueiredo, 2018b, p. 179). A partir da emblemática citação de Isabela Figueiredo, retirada do posfácio do livro *Caderno de memórias coloniais* (2018b), intitulado “O meu corpo e o dele”, eis a gênese lasciva deste artigo, que indaga feito lâmina que corta a pele e traz à baila um incômodo que a autora – e também eu – manifestamos em comum: por que ler Isabela Figueiredo apenas pelo viés pós-colonial, taxando-a dicotomicamente de revolucionária ou de reacionária, quando a sua obra aponta para uma plêiade de interpretações? Etiquetas aprisionam, reduzem e representam tudo aquilo que Figueiredo mais abomina. Em entrevista para a revista *Gama*, ao ser questionada sobre o que mais detesta nos outros, a autora é, a um só tempo, clara, breve e frontal em sua resposta: “o comportamento de rebanho” (Figueiredo, 2020b).

“Tive consciência de que estava a escrever uma coisa que era uma bomba” (Figueiredo, 2018c), disse Figueiredo sobre *Caderno*, sua obra seminal. Se a autora assume ter criado uma bomba por meio da sua escrita, é preciso admoestar que trabalhar criticamente os seus livros é como desarmar um explosivo – exige deveras cautela, cuidado! Há a possibilidade da explosão da incompreensão a qualquer momento, dos ferimentos que podem ser abertos e, principalmente, da traves-

sia iniludível do trauma e da dor. Afinal, viver – tal como desarmar uma bomba – “é demasiado violento” (Figueiredo 2023b, p. 82).

Destarte, este artigo tem como objeto de pesquisa os três romances até então publicados por Isabela Figueiredo: *Caderno de memórias coloniais* (2018b [2009]), *A gorda* (2018a [2016]) e o novíssimo *Um cão no meio do caminho* (2023b [2022]). Nele pretendo sinalizar as sendas de uma tese que se quer tanto mais questionadora quanto mais reflexiva, a partir de uma análise depurada das fissuras – patentes e latentes – inscritas no corpo de linguagem das suas narrativas. Por outras palavras, o intuito-mor do artigo ora proposto é o de debater sobre a postura de Isabela Figueiredo quanto as questões polêmicas de suas obras, que gera, da mesma maneira – e velocidade –, admiração e cancelamento. Indo ao encontro do que ela mesma fez questão de frisar em “Palavras Prévias”, prefácio inédito que escrevera por ocasião da reedição de *Caderno* pela Editorial Caminho, desloco propositadamente a minha pulsão escópica, também, para os temas da *parentalidade* e da *sexualidade*, assuntos que percorrem, aliás, toda a sua produção romanesca e ensaística.

Deste modo, o debate que proponho se pauta basilarmente na inquietação da autora de que *Caderno* (2018b) e, por conseguinte, os seus outros romances *transcendem as questões de poder colonial*. A propósito de tal inquietação, eis as palavras que utilizou em entrevista concedida à Sofia Reck, para o programa *Letras na Rede*:

atenção, porque todas as vítimas são carrascos e todos os carrascos são vítimas. Todos somos as duas coisas. Todos temos a capacidade de nos tornarmos vítimas, de sermos vítimas e de sermos carrascos. Nós não somos só bons e também não somos só maus. Nós somos bons e maus. Dentro de nós existe a possibilidade de ser tudo. (...) Porque eu não gosto de maniqueísmos. Eu não gosto de um mundo que é visto só a preto ou só a branco. Não. Eu acho que nós somos matizados. Nós somos muitas coisas e devemos

olhar para o mundo de forma muito plural. Porque nós somos muito plurais. Eu não gosto de radicalismo. Muito radicalismo. Devemos olhar com tolerância para aquilo que o ser humano é (Figueiredo, 2020a).

Assim sendo, a autora rechaça os maniqueísmos precisamente por compreender que, como seres humanos, carregamos a necessidade de ser acolhidos, tratados com tolerância e compreensão. Em *Caderno* (2018b), no capítulo 37, Figueiredo evidencia esta problemática ao abordar a relação entre portugueses e africanos após a guerra colonial: “há inocentes-inocentes e inocentes-culpados. Há tantas vítimas entre os inocentes-inocentes como entre os inocentes-culpados. Há vítimas-vítimas e vítimas-culpados. Entre as vítimas há carrascos” (Figueiredo, 2018b, p. 136). Repare-se, pois, que a escritora revela que o bem e o mal coexistem em nós, e que somos igualmente capazes de exercer ambas as forças. Uma guerra, como a que a autora presenciou em Moçambique, é um cenário onde as ambivalências humanas se manifestam em espanto e dor...

Todavia, é crucial ressaltar que, para Figueiredo, reconhecer as ambivalências humanas não implica, de forma alguma, um suposto saudosismo colonial ou uma tentativa de relativizar a barbárie perpetrada pelos portugueses em África. Muito pelo contrário! No capítulo 48 de *Caderno* (2018b), a autora deixa claro o seu total desacordo para com a realidade de outrora e empenha-se em desmitificar a ideia cristalizada de que os portugueses teriam exercido um “bom colonialismo”. Traíndo o pai e, por contiguidade, a política do Estado Novo que ele simbolicamente representava, a menina de apenas 13 anos que, em novembro de 1975, acede a Portugal na condição de retornada, manifesta plena consciência de que o tempo dos brancos havia acertadamente acabado, em que pese o trauma do afastamento dos seus pais, que a enviaram sozinha para a então metrópole e optaram por permanecer em Moçambique visando uma desejada

reconquista da terra recém-perdida. Em Portugal, Isabela Figueiredo experencia na pele, nas vísceras, enfim, no corpo inteiro o desamparo do entrelugar, sem, contudo, repetir a ideia estapafúrdia de que a colonização portuguesa teria sido suave:

venham falar-me no colonialismo suavezinho dos portugueses... Venham contar-me a história da carochinha. As pessoas não mudam. Um branco que viveu o colonialismo será um branco que viveu o colonialismo até ao dia de sua morte. E toda a minha verdade será para eles uma traição (Figueiredo, 2018b, p. 164-165).

Neste trecho, encontramos a resposta quer para a citação inicial deste artigo, quer para o tal saudosismo colonial reacionário de que por vezes a autora é acusada. Não, Isabela Figueiredo não amou o colonialismo; ela amou apenas o seu próprio pai, edipianamente! No que se refere, por exemplo, ao colonialismo, ela foi duplamente traidora: tanto ao escrever *Caderno* (2018b) quanto a nunca entregar a mensagem que o pai lhe havia pedido no aeroporto da antiga Lourenço Marques, atual Maputo, enquanto ela aguardava o voo que a levaria para Lisboa. Tratava-se de uma mensagem destinada a “aze-dar” a relação entre brancos e pretos na metrópole, como narrado no capítulo 35.

“Este livro é parte do meu corpo” (Figueiredo, 2018b, p. 180), eis, pois, a reflexão que encerra o posfácio “O meu corpo e o dele”, já anteriormente mencionado. Com efeito, a frase alinha-se perfeitamente com o que a autora já havia relatado no próprio livro: “o meu corpo foi uma guerra, era uma guerra, comprou todas as guerras. O meu corpo lutava contra si, corpo a corpo (...)” (Figueiredo, 2018b, p. 72). Desta afirmação, emerge o conceito do que ela mesma nomeou de um profundo vazio e de um constante sentimento de insatisfação ao largo da existência ou, se quisermos, de *descontinuidade*, para utilizarmos um termo caro a Georges Bataille. Afinal, como se vive

(ou se sobrevive) imerso na tortura de habitar um corpo que é uma guerra? Um corpo que, a todo o momento, se volta contra si mesmo, a ponto de a autora, durante uma entrevista sobre o seu segundo romance, *A gorda* (2018a), chegar ao paroxismo de bradar: “este é o meu corpo. Amem-me, deem-me pancada. Estou aqui para fazer barulho” (Figueiredo, 2016). Destarte, a escritora demonstra que, tal qual no primeiro livro por ela publicado, o seu corpo-bomba se lhe apresenta, sempre em ambivalente guerra, em forma de dor – e também de sexo –, pronto para receber golpes, ou ainda o chamado *cancelamento*, ao se desnudar por completo, sem autopiedade...

A importância do sexo nas obras de Isabela Figueiredo é muito bem observada pela brilhante escritora moçambicana Paulina Chiziane, no prefácio que escreveu para *Caderno*, denominado “Sobre Caderno de Memórias Coloniais”. Ao comparar as vivências compartilhadas por ambas as artistas, cada uma de um lado da barricada ao passo que o colonialismo fervilhava, Chiziane acaba por dar mais destaque àquilo que as assemelha do que àquilo que as difere. Trata-se do modo de encarar o sexo! “A tua obra, *Caderno de memórias coloniais*, faz a análise da história a partir de um lugar proibido às mulheres castas: o sexo. Fiquei fascinada. Que maravilha, que coragem, Isabela!” (Chiziane, 2018, p. 13). E Paulina Chiziane conclui: “que pena nós, mulheres, não podermos falar de sexo tão abertamente. *Branças ou pretas, fomos todas castradas*” (Chiziane, 2018, p. 13, grifos meus). Ao demarcar o processo colonizatório como um feito invasor, fálico e masculino, Chiziane, de modo especular, surpreendentemente diz ver refletidas nas mulheres brancas muitas das dores pelas quais passaram as mulheres negras. Afinal, às brancas, destituídas da sua própria fala, alienadas que estavam no discurso do Outro, ou melhor, na teia de palavras ludibriantes dos seus maridos, só lhes restava repetir os referentes do aparelho ideológico dos machos violadores, que detinham a posse dos seus corpos, dos corpos

das pretas e, por contiguidade, do corpo vilipendiado da mãe África, compreendido por Chiziane a partir de um mesmo *nós* feminino.

Trapaceiros, os títulos dos livros de Isabela Figueiredo, principalmente *Caderno de memórias coloniais* (2018b), podem-nos conduzir à inocência interpretativa de a ler tão-somente como uma autora pós-colonial, etiquetando-a como tal e julgando-a da mesma maneira. No entanto, ao me permitir uma reflexão crítica da sua obra por meio de uma leitura atenta às suas fendas e muito rente à temática aqui tomada por principal (parentalidade e sexualidade), é possível perceber que os seus textos são profundamente marcados por uma visceral e violenta subjetividade quando do gesto da criação, característica que personaliza a escrita de Figueiredo enquanto autora e lhe confere o estatuto de “não ter medo das palavras”, como destaca Eduardo Pitta na contracapa de *A gorda*, demonstrando que a literatura de uma das mais instigantes escritoras contemporâneas retornadas a Portugal é um grande caleidoscópio. Muito *barthesianamente*, e cônica de que a linguagem, bem como a memória, são o *locus*, por excelência, do não-todo, é como se a autora dissesse que a sua escrita sabe não exatamente alguma coisa, mas antes *sobre* alguma coisa...

É possível observar que, ao contrário da distopia, marca da pós-modernidade (Hutcheon, 1991) que se esperaria para o final de *Um cão* (2023b), o que nele se encontra é a surpreendente proposta de uma possível redenção, o que significa dizer que Figueiredo poderia ser lida como uma espécie de “humanista”, na melhor acepção do termo, que é o de acolher o *humano* – perdoem-me a tautologia – na sua *humanidade falhada*, isto é, nas suas sombras e nas suas luzes. Assim sendo, ela opta por encerrar a sua terceira obra apostando na humanidade e dizendo *sim* para a vida. Residente de um país marcado por uma psicanálise traumática, como bem observa Eduardo Lourenço no ensaio intitulado “Psicanálise mítica do destino

português” (1978), e ressentido, dos seus primórdios ao século XXI, Isabela Figueiredo finaliza a sua última obra num sentido marcado pela *pulsão de vida*, na contramão de toda uma larguíssima história assignada pela *pulsão de morte*. Se ela finda o seu primeiro livro, *Caderno* (2018b), deitada sob a cova onde o seu passado apodrece, questionando se permanecerá ali ou para onde irá, em *Um cão* (2023b) ela responde à questão deixada em aberto nos dois romances anteriores, como que a sugerir que, para retirar-se das sombras do passado, é preciso desprender-se do que não lhe pertence e carregar apenas o peso das suas próprias escolhas, e não as dos outros. Ao fim e ao cabo, ela opta por *eros*, a vida, e para que fosse possível fazer tal escolha, foi necessário atravessar *tânatos*, a morte (Freud, 1996).

Esta predileção pela vida faz com que seja quebrada a grande aposta daqueles que leram os dois primeiros livros publicados por Figueiredo, *Caderno* (2018b) e *A gorda* (2018a), e caíram na fácil tentação de classificá-la como uma escritora distópica, haja vista o final algo utópico com o qual decide fechar a sua terceira narrativa. Na Literatura Portuguesa contemporânea, há escritores que se inclinam para uma utopia com gosto de narrar, como é o caso de José Saramago, e há escritores marcados pela distopia, como Lobo Antunes, ambos representando as distintas facetas da pós-modernidade. No caso de Isabela Figueiredo, ela opta por se aliar àqueles que ainda acreditam em *alguma utopia possível*.

Em entrevista ao website espanhol *Zenda Libros*, Figueiredo (2021) afirma que “los humanos tenemos un lado luminoso y un lado oscuro”. Em tradução livre para o português, isto significa que os humanos têm um lado luminoso e outro obscuro. Por outras palavras, é importante compreender que luz e sombra nos constituem enquanto indivíduos e que não podemos ser maniqueístas na análise das relações humanitárias (Silva Neto, 2022). Quero com isto dizer que a composição do ser humano não é feita apenas de luz ou de

trevas, de um puro bem ou de um todo mal; é justamente na fusão daquilo que há de bom e de ruim que se constrói a psiquê do *par-lêtre*, neologismo cunhado pelo psicanalista francês Jacques Lacan para designar o ser falante no interstício do gozo (*jouissance*) entre a palavra e a letra. Cabe ainda ressaltar que a admiração de Isabela Figueiredo pelo seu pai, apesar de todas as problemáticas associadas a esta figura humana tornada personagem, exemplifica que é paradoxalmente possível amar alguém com cujas atitudes *não concordamos*, no sentido mesmo etimológico do que não se coaduna com o que está inscrito no coração! Tal paradoxo se funda, pois, numa grande tensão, misto de atração e de repulsa, quando se trata de sentimentos. Expondo a sua humanidade falhada num tempo histórico insuportavelmente claudicante, Figueiredo se faz contemporânea. Afinal, segundo Agamben (2009, p. 63):

[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.

Portanto, Figueiredo vai além, por mostrar, na sua obra inicial, que, no que tange à questão psicológica, dois pontos, inicialmente opostos, podem coexistir como verdades: o de rechaçar o próprio pai devido às atitudes racistas e machistas que apresentava e, ao mesmo tempo, amá-lo em suas dores e em suas delícias. No seu modo muito particular de se filiar à tradição ocidental da literatura de testemunho, da qual elege *O Primo Levi* como livro-paradigma, Isabela Figueiredo assinala também ela o seu testemunho, estranha autognose da pátria que não se explica apenas por meio da história ou da denúncia social, mas sim por um antitético atravessamento, a um só

tempo gozoso e doloroso, do seu *eu* inserido nos dilemas do corpo e na experiência paroxística dos sentidos...

Por outras palavras, Isabela Figueiredo atravessa a si mesma para perpassar a pátria. É necessário, contudo, entender, para que não caiamos no lugar comum, que a travessia da pátria só se faz possível uma vez que a escritora não tem medo de atravessar a si própria, por entender que é nessa *trapaça salutar* (Barthes, 2007), nesse *logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder*, que a boa literatura se constrói. É, pois, a partir duma ruminância crítica de pensar a pátria e pensar a si mesma em processo de contiguidade que a artista se torna, à sua maneira, uma autora crítica da sua própria obra. Explico-me: embora ainda tenha poucos livros publicados, ela está sempre a se teorizar, utilizando, inclusivamente, a sua formação em Letras para ser compreendida não apenas como uma autora, mas também como uma leitora crítica da sua própria obra. Recusando ser lida somente pela vertente dos Estudos Culturais, Isabela Figueiredo sinaliza, como já dito, *a parentalidade e a sexualidade* como dois conceitos-chave para um entendimento mais aprofundado de seus livros. À maneira de José Cardoso Pires (2008), que propunha o *jogo do olho vivo* como forma de aguçar o ato da leitura, a autora de *Caderno*, em direção algo semelhante, sinaliza que é na argúcia dos *olhos não-inocentes* que os bons escritores – assim como os bons leitores – serão capazes de promover uma desmontagem do poder a partir do lido e do escrito. Considerando que *as nações são narrativas* (Said, 2011), Isabela Figueiredo insere-se na tradição do romance português em sentido antiépico, já que é a viagem de regresso que lhe confere a identidade – da qual jamais abdicou – de escritora retornada.

No seu último livro, em que pareceria, num primeiro momento, optar por uma instância narrativa menos pessoal, Figueiredo inicia com a voz de um aparente narrador homodiegético, que se de-

dica, em princípio, a contar a história de Beatriz, a sua misteriosa vizinha, que não por acaso recebe o curioso epíteto de *a matadora!* Todavia, José Viriato, a personagem principal do romance, conta a sua própria história, assumindo, assim, a posição de narrador autodiegético, espécie de alterego da própria Isabela Figueiredo, que quis outrar-se em masculino: ela mesma no-lo sinaliza por meio de entrevistas. Repare-se que, no seu terceiro romance, criador e criatura professam um mesmo estilo de vida minimalista e uma mesma visão política não maniqueísta. Para além disso, José Viriato, que na sua adolescência, mais precisamente aos 12 anos de idade, sofrera o trauma da morte da mãe e do abandono por parte do próprio pai, esforça-se por elaborar, na vida adulta, as suas feridas narcísicas, que reverberam – claro está – também na pátria. Não à toa um dos seus nomes é justamente Viriato que, como sabemos, remonta à história do líder dos guerreiros celtiberos que lutaram contra o Império Romano. Libertando-se dos seus pesos pessoais, ele se liberta também da carga pesadíssima de ter de carregar consigo mesmo um nome alusivo à pré-história de Portugal. Mais que isso, ao eleger para si próprio um destino de catador e restaurador do lixo excessivo da Modernidade tardia frente a um tempo demarcado sob as insígnias do gozo superegóico, a criança a quem Isabela Figueiredo tanto se orgulha de ter dado acolhimento aquando do desamparo da perda e do abandono, esvazia, ao tomar a autonomia da sua própria existência, toda a semântica gloriosa e messiânica inscrita no seu nome.

Sendo assim, os escritos de Isabela Figueiredo performam o âmbito do mais íntimo, utilizando-se, não poucas vezes, da autoficção, definida por Klinger (2006, p. 67) como “[...] uma narrativa híbrida, ambivalente, na qual a ficção de si tem como referente o autor, mas não enquanto pessoa biográfica, e sim como personagem construída discursivamente”. A cultura de falar de si, da antiguidade greco-romana, baseada nas noções de cuidado de si e, também, de técnicas

de si é revisitada por Foucault em *Dizer a verdade sobre si* (2022), que introduz a noção de *parresia*, geralmente traduzida pelo “franco falar” ou pela “liberdade da palavra”, componente fortemente encontrado nas três obras publicadas por Figueiredo. Por meio da autobiografia, da autoficção, da metaficção, da autorreferencialidade e da autorreflexividade, Figueiredo, na esteira do pensamento de Linda Hutcheon (2014), faz eclodir uma escrita narcísica e dessacralizante, extremamente paradoxal e, por isso mesmo, em princípio distópica, ao tratar de temas tão duros, tais como o colonialismo, a solidão e os preconceitos de diversa ordem.

É fundamental destacar que Isabela Figueiredo é uma usuária ativa da internet, especialmente das redes sociais contemporâneas, como o *Facebook* e o *Instagram*, além de plataformas mais antigas, como os *blogs*, por exemplo. Cabe frisar que foi precisamente a partir do seu *blog*, denominado *Novo Mundo*, que nasceu a sua primeira obra. *Caderno* (2018b) é, no fundo, um desdobramento das crônicas que a autora publicava sobre a sua antiga vida em Moçambique. Essa fabricação e espetacularização virtual da sua identidade, conforme discutido por Paula Sibilia (2008), é um aspecto crucial a ser considerado ao se analisar a sua obra. Assim, não é surpreendente que a escritora utilize as redes sociais para amplificar os temas abordados nos seus romances, ofertando aos seus leitores comentários valiosos, autocríticas muito bem elaboradas, assim como informações adicionais sobre si e sobre os seus personagens, o que contribui, em muito, para uma compreensão mais acurada das suas narrativas.

Em 16 de setembro de 2023, Isabela Figueiredo, que estava em turnê de divulgação do seu novo livro pelos países europeus, postou no seu *Facebook* um texto inusitado, denominado: “Onde se situa o órgão da ambivalência”. Nesse pequeno escrito, a autora ironiza e comenta que fica um pouco desconcertada quando questionam a

ambivalência das suas personagens, exigindo-lhe explicações. A este respeito, diz ela:

qual é a novidade? O que é não ser ambivalente? Há pessoas que nunca o tenham sentido? Apresentem-me uma, para poder dissecá-la com o bisturi sobre a minha mesa de trabalho e apresentar-vos o órgão da ambivalência, mesmo que o tenham disfarçado, ainda ensanguentado (Figueiredo, 2023a).

Ora, o órgão da ambivalência pode ser claramente interpretado como o aparelho psíquico proposto por Freud. Deste modo, é possível inferir que Isabela Figueiredo revela neste *post* o que, nas suas obras, ela comunica de maneira mais implícita: a sua literatura está imbuída de conceitos psicanalíticos, haja vista a componente libidinal edipiana em relação ao corpo do pai em *Caderno* (2018b), o autoerotismo da fase oral que lhe foi castrado em *A gorda* (2018a) porque os seios da sua mãe não tinham leite e a fase genital de José Viriato que, pela pulsão olfativa, ao sentir o cheiro agradável da água de colônia costumeiramente utilizada pela mãe, recorda-se saudosamente da sua figura, momento em que é tomado por uma ereção. Como enaltecido por Paulina Chiziane, recordemos, Isabela Figueiredo tem a coragem de perfurar a barreira de um lugar interdito às mulheres: *o sexo!* E acaba pagando o preço por isso.

As três obras também apontam para a possibilidade de serem lidas como uma trilogia em que a autora estabelece um acerto de contas com o seu passado familiar (parentalidade). Afinal, *Caderno* (2018b) é dedicado ao seu pai, *A gorda* (2018a) à sua mãe e *Um cão* (2023b) à sua avó, com quem passa a viver ao regressar a Portugal na condição de retornada.

Figueiredo participou recentemente, em 10 de janeiro de 2025, do podcast *Podfest*, vinculado ao jornal português *Expresso*, onde foi entrevistada por Bernardo Mendonça. Durante a conversa, aborda-

ram-se temas controversos recorrentes em suas obras, como a relação com o pai, as memórias de África e a presença de imigrantes em Portugal. Quando questionada sobre o risco de ser “cancelada”, a autora respondeu de forma categórica: “*Estou-me nas tintas para o cancelamento! Vou continuar a fazer aquilo que acho que deve ser feito*” (Especial (...), 2025, grifos meus). Sua declaração evidencia a indiferença diante de possíveis represálias à sua imagem ou às suas personagens. Para a autora, a Literatura reflete a complexidade da experiência humana, expondo tanto virtudes quanto falhas, e, nesse sentido, não cabe ao escritor censurar suas criações, mas retratar a diversidade da natureza humana, incluindo aqueles que não são moralmente irrepreensíveis.

Sobre essas figuras imperfeitas, a escritora sustenta que podem ser amadas tanto quanto aquelas consideradas íntegras. Essa perspectiva se reflete em uma passagem de *A gorda* (Figueiredo, 2018a, p. 86): “o amor carece de razão, de verdade e de moral.” Levada ao extremo, essa visão transparece em sua afirmação de que amava o pai, apesar de reconhecê-lo como um fascista, fruto de seu tempo – um homem do Estado Novo português, adepto das ideias salazaristas: “amo meu pai, mas ele tem uma grande mancha” (Especial (...), 2025).

Na mesma entrevista, Isabela Figueiredo reafirma a centralidade do sexo e do contato humano em sua obra, elementos cada vez mais reprimidos diante do avanço do conservadorismo global. Ao defender que não há mal algum no desejo e na sexualidade, a escritora, aos 62 anos, reafirma sua posição como uma mulher resoluta, que assume plenamente suas emoções e, sobretudo, sua identidade sexual. Sua declaração é incisiva: “faço amor enquanto escrevo. (...) Quando escrevo aquelas cenas, estou a sentir aquilo” (Especial (...), 2025). A resposta causa certo embaraço no entrevistador, mas esse desconforto não a afeta. Pelo contrário, ela ri ao perceber que um tema tão natural para si ainda persiste como tabu na sociedade contemporânea.

Ao longo dos dez minutos de *podcast*, Figueiredo revisita os dois temas recorrentes em sua literatura: parentalidade e sexualidade. Sobre o primeiro, freudianamente, revela ter buscado inconscientemente a figura paterna em seus relacionamentos amorosos e sexuais, chegando a afirmar que o pai foi o grande amor de sua vida. Essa confissão reforça a profundidade com que esses tópicos, carregados de complexidade emocional, permeiam sua escrita.

Sendo assim, partindo da vertente aqui apresentada, tudo se inicia com a necessidade de a autora curar o seu iminente e inevitável desamparo. Como ela mesma expressa em *A gorda*, “o amor é o primeiro dos mistérios. E o último. E cada mulher segue a sua obsessão” (Figueiredo, 2018a, p. 86). Desde os títulos até aos enredos e aos desfechos dos dois primeiros romances, há, como frisei anteriormente, um final distópico. Até mesmo em *Um cão* (2023b), parte do desenvolvimento da obra leva a crer que o desfecho também será distópico, à semelhança dos livros anteriores. No entanto, Isabela Figueiredo surpreende ao concluir o seu último romance com uma utopia – entendida como uma transgressão das realidades impostas por uma sociedade dominante (Mannheim, 1968), em que a vida é, de fato, possível. Ela abre espaço para um futuro, uma redenção, o que é, aliás, uma forte marca das Literaturas Africanas De Língua Portuguesa, especialmente quando consideramos a sua trajetória entre Moçambique e Portugal. Neste processo de cura que realiza através da escrita, Figueiredo demonstra que o inconsciente é, de fato, *estruturado como uma linguagem* (Lacan, 1985 [1964]). Quem aprende a ler com olhos atentos pode também aprender a se curar, ecoando a ideia proposta por Camões (1994, p. 185) em seu famoso soneto: “[..] ouçam a longa história de meus males / e curem sua dor com minha dor; / que grandes mágoas podem curar mágoas.”

Dessa maneira, compreendemos que Isabela Figueiredo não se enquadra como reacionária nem como plenamente revolucionária. Ela habita a ambivalência inerente à condição humana, na qual não somos essencialmente bons ou maus. Vale ressaltar que, ao assumir essa postura vulnerável e abraçar sua humanidade, Figueiredo, paradoxalmente, subverte expectativas. Afinal, não é comum testemunharmos tamanha visceralidade aliada a um olhar cuidadoso sobre o humano, o que a distingue não apenas como escritora, mas também na forma singular com que se posiciona.

Ao longo deste artigo, foi demonstrado que a literatura de Isabela Figueiredo se estrutura em uma profunda ambivalência, recusando dicotomias reducionistas como revolucionária ou reacionária. Sua escrita é marcada pela coragem de expor a complexidade da experiência humana, sem recorrer a maniqueísmos ou simplificações excessivas. A partir das suas obras *Caderno de memórias coloniais* (2018b), *A gorda* (2018a) e *Um cão no meio do caminho* (2023b), percebemos que a autora transita entre o testemunho e a autoficção, utilizando-se de sua própria trajetória para evidenciar questões coletivas, como a parentalidade, a sexualidade, o colonialismo e o pertencimento.

Se a obra de Figueiredo frequentemente provoca reações polarizadas, isso se deve ao seu compromisso com uma Literatura despojada de concessões, que não teme revelar as fissuras e contradições do humano. Seu posicionamento perante o “cancelamento” evidencia essa postura. Para ela, a Literatura deve ser um espaço de liberdade, onde todas as facetas da existência possam ser exploradas, sem que o autor tenha a obrigação de oferecer respostas moralmente confortáveis. Essa perspectiva é especialmente relevante num contexto em que o debate público, tanto na esfera política quanto cultural, tem sido frequentemente marcado pela intolerância a nuances e pela exigência de posicionamentos rígidos.

Além disso, a maneira como a autora aborda a questão do desejo e do corpo feminino subverte tabus profundamente enraizados. Como bem observa Paulina Chiziane, Isabela Figueiredo desafia a imposição do silêncio sobre a sexualidade das mulheres, uma censura que atravessa fronteiras raciais e culturais. A coragem de tratar o corpo como um território de conflito, prazer e resistência é um dos traços mais marcantes de sua literatura. Ao fazê-lo, a autora inscreve-se numa tradição que questiona os discursos normativos sobre feminilidade, maternidade e desejo, sem, no entanto, reduzir suas personagens a meras figuras de contestação.

Por fim, a obra de Isabela Figueiredo nos convida a um olhar mais atento sobre as camadas que constituem a identidade individual e coletiva. Se há uma constância em seus romances, é a recusa da simplificação: a consciência de que a experiência humana é repleta de ambiguidades e contradições. Nesse sentido, sua literatura não apenas documenta vivências, mas também desafia leituras apressadas e categorias estanques. Ao reivindicar o direito de ser múltipla, de escrever sem amarras e de questionar narrativas estabelecidas, Figueiredo nos oferece uma literatura que, mais do que respostas, propõe uma permanente interrogação sobre o mundo e sobre nós mesmos.

RECEBIDO: 26/02/2025

APROVADO: 18/03/2025

### REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é o Contemporâneo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 55-73.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

CAMÕES, Luís de. *Lírica completa II* (Sonetos). Edição de Maria de Lurdes Saraiva. 2. ed. Lisboa: INCM, 1994

CHIZIANE, Paulina. Sobre Caderno de Memórias Coloniais. *In*: FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018. p. 13-19.

ESPECIAL ao vivo PodFest com Isabela Figueiredo: “Estou-me nas tintas para o cancelamento! Vou continuar a fazer aquilo que deve ser feito”. Entrevistada: Isabela Figueiredo. Entrevistador: Bernardo Mendonça. Lisboa: Expresso, 10 jan. 2025. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1q6prw5uKXjSu8cQW8C9VV>. Acesso em: 26 jan. 2025.

FIGUEIREDO, Isabela. *A gorda*. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2018a.

FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018b.

FIGUEIREDO, Isabela. *Estava a escrever uma coisa que era uma bomba, diz Isabela Figueiredo*. [Entrevista cedida a] Folha de S. Paulo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2018c. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/estava-a-escrever-uma-coisa-que-era-uma-bomba-diz-isabela-figueiredo.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FIGUEIREDO, Isabela. Caderno de memórias coloniais | Entrevista com Isabela Figueiredo. [Entrevista cedida a] Sofia Reck. *Letras na Rede*, Porto Alegre, 2020a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=teNLQWnYm7M>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FIGUEIREDO, Isabela. “Este é o meu corpo. Amem-me, dêem-me pancada. Estou aqui para fazer barulho”. [Entrevista cedida a] Rui Catalão. *Público*, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/11/25/culturaipsilon/noticia/fat-power-1751917>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FIGUEIREDO, Isabela. Isabela Figueiredo: “Los humanos tenemos un lado luminoso y un lado oscuro”. [Entrevista cedida a] Ander Izagirre. *Zenda*, [S. l.], 13 dez. 2021. Disponível em: <https://www.zendalibros.com/isabela-figueiredo-los-humanos-tenemos-un-lado-luminoso-y-un-lado-oscuro/>. Acessado em 13 jan. 2025

FIGUEIREDO, Isabela. *Onde se situa o órgão da ambivalência [...]*. 16 set. de 2023a. Facebook: isabelafigueiredo. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=729032645904458&set=a.121823829958679>. Acesso em: 16 jan. 2025.

FIGUEIREDO, Isabela. *Questionário Proust - Isabela Figueiredo*. [Entrevista cedida a] Revista Gama. *Gama*, São Paulo, 2020b. Disponível

em: <https://gamarevista.uol.com.br/pessoas/questionario-proust/isabela-figueiredo/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

FIGUEIREDO, Isabela. *Um cão no meio do caminho*. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2023b.

FOUCAULT, Michel. *Dizer a verdade sobre si: conferências na Universidade Victoria, Toronto, 1982*. Organização de Henri-Paul Fruchaud e Daniele Lorenzini. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. 204 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 2006.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985 [1964].

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Tradução de Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

PIRES, José Cardoso. *O delfim*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA NETO, Joaquim Mamede de Carvalho e. *O erotismo e a contemporaneidade: uma leitura de Caderno de Memórias Coloniais*. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesas e Africanas). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022.

### **MINICURRÍCULO**

**JOAQUIM MAMEDE DE CARVALHO E SILVA NETO** é doutorando e Mestre em Literaturas Portuguesa e Africanas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Também tem especialização em Literaturas Portuguesa e Africanas pela mesma instituição (UFRJ). Desenvolve pesquisa na área de Literatura Portuguesa, com enfoque nas obras publicadas da escritora Isabela Figueiredo, analisando a mais recente narrativa portuguesa de retornados.